

GT04: Antropologia da criança

Emilene Leite de Sousa, Flávia Pires

Este GT visa agregar pesquisadores que tenham se dedicado a pesquisar com e sobre crianças com o intuito de reunir as pesquisas da Antropologia da Criança e áreas afins. Esperamos poder contribuir para a compreensão da atuação das crianças, como sujeitos, na sociedade atual, especialmente através de perspectivas críticas e anti-coloniais, que apontem para uma saída viável para o capitalismo. A multiplicidade das infâncias, enquanto categoria estrutural dentro do ciclo geracional, através de suas vivências e contextos indígenas, quilombolas, ciganas, camponesas, em reservas extrativistas, ribeirinhas ou nas cidades estará presente. Selecionaremos propostas que tratem dos aspectos ético-metodológicos das pesquisas com crianças, contemplando o uso do método etnográfico e da observação direta, métodos experimentais, dentre outros. Temas como educação, mobilidade, produção dos corpos, ludicidade, aprendizagens, trabalhos, religiosidades, políticas públicas e usos dos espaços públicos estão entre os que esperamos receber. Infâncias institucionalizadas em casas de acolhimento ou abrigos também serão consideradas. As experiências com a infância de quaisquer minorias ou em condição de migrantes ou refugiadas também serão contempladas.

Desafios de crianças e adolescentes com doença falciforme no brincar

Autoria: Bruna Tavares Pimentel

Algumas das importantes contribuições dos estudos antropológicos e sociológicos da criança e das infâncias, é considerar a agência das crianças (CORSARO, 2011; PIRES, 2008) e reconhecer a infância na sua pluralidade (PINTO, 1997). Com base nessa abordagem teórica o texto busca compreender o brincar na infância e adolescência de crianças e adolescentes com doença falciforme, considerando a subjetividade, a realidade de cada uma (um) e os marcadores sociais de raça e classe. A doença falciforme é uma doença genética que para evitar o agravamento dos sintomas são necessárias algumas restrições, que são mais evidentes e questionadas na infância. A pesquisa é resultado de um trabalho de campo, e recorte da pesquisa de mestrado, realizada com crianças e adolescentes no estado da Paraíba em 2019. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, e para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas durante a produção de desenhos. O resultado do estudo aponta que as formas de lazer e o brincar são as maiores queixas das crianças e adolescentes, no que tange às restrições, algumas delas são: não poder brincar tomando banho de chuva, não participar de brincadeiras que exigem esforço físico, não brincar na rua, entre outros. Além disso, a pesquisa mostra a perspectiva/ótica das crianças e adolescentes sobre o que é brincar.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

